DO TEXTO AO HIPERTEXTO: EXPERIENCIANDO ESTRATÉGIAS DE RETEXTUALIZAÇÃO DIGITAL

Luciene da Silva Santos Bomfim[1], Maria Conceição Alves de Lima[2]
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade de Nova Andradina
Rua Valter Hubacher, 138 – Vila Beatriz – Nova Andradina (MS)

Resumo:

A passagem da cultura escrita para a cultura digital no final do século XX, com a popularização da Internet e das redes digitais, originou um novo tipo de texto multimidiático, o hipertexto, cujas características e cujo processo de leitura e produção é bem diferente daquele que define o texto convencional impresso. Este trabalho possui o objetivo de realizar um experimento de transformação de um texto convencional num hipertexto digital, buscando selecionar e sistematizar estratégias que permitam essa retextualização de modo eficaz, na expectativa de utilizar esse recurso no ensino-aprendizagem da produção hipertextual.

Palavras-chave: letramento digital, hipertexto, retextualização.

Abstract:

The transformation of written culture into digital one by the income of Internet and World Wide Web at the end of 20th century has increased a new type of multimedia text, the hypertext speech, which characteristics and whose process of reading and writing is quite different from that which defines the conventional printed one. This work has the objective of doing an experiment in order to becoming a conventional text into a digital hypertext, by using some selected and systematic strategies of "digital retextualization" in an efficient way. Our goal is the expectation of using this resource in elementary school process of learning-teaching hypertextual discourses in Web.

Keywords: digital literacy, hypertext, digital retextualization.

INTRODUÇÃO

No final do século XX, a popularização da Internet possibilitou a interatividade global simultânea, conectando o planeta de ponta a ponta em tempo real (*online)*, propiciando que milhares de pessoas espalhadas por todo o mundo pudessem interagir, trocar ideias e

[1] Bolsista CNPq.
[2] Orientadora.

compartilhar conhecimentos que transcendem as fronteiras geográficas. Esse novo ambiente cultural é o que Pierre Lévy (2000) denominou de **ciberespaço**, fazendo surgir, segundo o autor, uma nova forma de cultura, a **cibercultura,** entendida como o "conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atividades, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço" (p. 17).

Essa passagem da cultura escrita para a digital originou um novo tipo de texto multimidiático, o hipertexto, que talvez não seja algo totalmente novo, visto que, segundo Koch (2006), todo texto é um hipertexto. Entretanto, as suas características, bem como o seu processo de leitura e produção são bem diferentes daqueles que definem o texto convencional impresso. Trata-se de um suporte que aceita e integra todos os tipos de linguagem (verbal e não-verbal) - as denominadas mídias digitais ou multimídia -, ampliando as formas de comunicação disponíveis aos usuários das redes de computadores. Segundo Ramal (2000), um hipertexto é algo que vai além do texto convencional impresso e cujas “páginas” podem ser agrupadas e reagrupadas pelo leitor, segundo o seu próprio roteiro.

Nesse contexto, as inovações tecnológicas digitais tais como as TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação (os sistemas informatizados, a Internet e as redes de computadores tais como a Wide World Web e os *e-mails*) assumem um papel cada vez mais importante. Essas novas tecnologias digitais acabam por nortear a forma como o conhecimento é produzido e transmitido e começam a ser analisadas enquanto ferramentas úteis à educação, que podem contribuir efetivamente para o aprimoramento das relações de ensino e aprendizagem, para o letramento e a inclusão digital.

Este trabalho se propõe a realizar um experimento de transformação de um texto convencional num hipertexto digital, buscando selecionar e sistematizar estratégias que permitam essa retextualização de modo eficaz, na expectativa de utilizar esse recurso no ensino-aprendizagem da produção hipertextual. A intenção é também a de analisar os novos fatores de tessitura do hipertexto, estabelecendo as diferenças entre estes e os textos impressos convencionais.

OBJETIVOS

A realização deste estudo possui as seguintes finalidades específicas:

a) Analisar os novos fatores de textualidade do hipertexto, estabelecendo as diferenças entre estes e os textos impressos convencionais;

b) Estabelecer estratégias que facilitem a retextualização do texto para o hipertexto;
c) Utilizar essas estratégias em atividades concretas de retextualização hipertextual;
d) Analisar o resultado dessas estratégias, a fim de sistematizá-las para uso efetivo no ensino de produção hipertextual.

METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa do tipo experimental[3] através da plataforma Wiki. Primeiramente, foram realizadas as leituras referentes ao tema pesquisado, que serviram como base para o referencial teórico e o estudo da plataforma Wiki.

O processo de retextualização do impresso para o digital partiu de um texto de minha autoria (*A Sociedade do Conhecimento e o Hipertexto*), baseado no referencial teórico que fundamenta este trabalho, utilizando a plataforma Wiki (http://alveslima-edu.wikidot.com/a-sociedade-do-conhecimento-e-o-hipertexto). Neste experimento, foram utilizadas estratégias de retextualização recomendadas pelos estudiosos do assunto abaixo mencionados.

Após realizar algumas retextualizações digitais, De Paula & Ricarte[4] (s.d.) chegaram às seguintes operações necessárias a essa transposição:

> [...] notamos a necessidade dos seguintes passos: **fragmentação, aglutinação**, definição de **perspectivas do texto**, associação da nomenclatura da perspectiva ao fragmento (**classificação**), interferência no **conteúdo do fragmento**, criação de **ligações** de conteúdo, criação de propostas de **seqüências de fragmentos (caminhos de leitura**), com definição de fragmentos para início das leituras **(raízes)**. Assumimos que estes passos, executados iterativamente, estabelecem um modelo para a retextualização digital (p. 2, grifos meus).

A partir da proposta acima, podemos identificar os seguintes passos de retextualização digital, os quais, embora aqui apresentados "hierarquicamente", na prática são recorrentes, além de se imbricarem e se superporem:

a) Fragmentação;

[3] Na primeira fase do trabalho participaram mais dois sujeitos (uma acadêmica do Curso de Letras da UEMS - Unidade de Nova Andradina e um aluno da Educação Básica) que, entretanto, desistiram do trabalho na segunda etapa.

[4] Após avaliar uma série de ferramentas para a criação de hipertextos digitais, os autores notaram que os sistemas atuais não contemplam o processo iterativo por eles descrito e se propuseram a implementar uma nova ferramenta de código aberta, por eles denominada TEXTHIT (*Text to Hypertext Conversion Tool*), ainda em processo coletivo de "construção".

b) Definição de perspectivas (“ordem” dos tópicos abordados);
c) Classificação dos fragmentos (associação da nomenclatura da perspectiva ao fragmento, subtítulos);
d) Edição para aglutinação (ou refragmentação) dos tópicos;
e) Criação de ligação (internas e externas);
f) Proposição de caminhos de leitura, com identificação das “raízes” (ponto para início da leitura na perspectiva do autor).

Por sua vez, Jakob Nielsen (1997) menciona as seguintes estratégias de reescrita do hipertexto, no sentido do enxugamento do mesmo para facilitar a leitura do internauta.

- Uso de palavras-chave (*links* de hipertexto realçados por diferentes tipos de fonte);
- Subtítulos pertinentes (e não apenas "engraçadinhos");
- Uso de listas indexadas;
- Uma informação por parágrafo (os usuários provavelmente pularão informações adicionais, caso não sejam atraídos pelas palavras iniciais de um parágrafo);
- Estilo de pirâmide invertida, que principia pela conclusão;
- Metade do número de palavras (ou menos) do que um texto convencional.

Karen Shriver (2005) realça algumas estratégias de formatação do texto, tais como:

- Uma linguagem “*amigável”* e o mais “*conversacional”* possível;
- Retextualização apresentada na ordem direta das idéias (“escrita lógica”);
- Informações organizadas;
- Margem esquerda bem ampla;
- Nítido contrate da fonte tipográfica em relação ao fundo (tela);
- Títulos e subtítulos concisos, que evoquem associações mentais interessantes;
- Substituição do “excesso” de palavras por outros signos gráficos;
- Expansão do repertório semiótico (vídeo, animação e som);
- Uso da “potencialidade” ativa das cores, bem como de sua variedade (mais de uma cor ou de uma tonalidade da mesma cor);
- Espaços em formatos multidimensionais, como se fossem um planetário.

Crawford Kilian (s.d.) enfatiza:

- Regra de ouro: colocar as necessidades do internauta em primeiro lugar, isto é, colocar-se na posição do navegador, antes de escrever o texto;

- A menor informação possível: (citando NIELSEN 1997) cortar é essencial (escrever "usar" ao invés de "utilizar", "decidiu" ao invés de "tomou uma decisão". “Toda palavra e frase devem lutar por suas vidas”;
- Títulos (principalmente os títulos) simples e informativos;
- “Policiar” o conteúdo de um "*chunk*" (bloco de texto, lexia). Um *chunk* deve ter dois ou três parágrafos curtos, cada qual com um subtítulo, todos cercados de muito espaço em branco;
- Descartar sentenças declaratórias e oferecer apenas fragmentos. Listas itemizadas? Ótimo!;
- Narrativa categórica, em vez da narrativa cronológica ou da argumentação lógica. O *Web writing* se desenvolve melhor sob a organização por categoria: "Os Cinco Signos de Câncer", "Os Maiores Golfistas", "As Melhores Praias do Litoral Sul".

McAdams (s.d.) trata do seguinte:

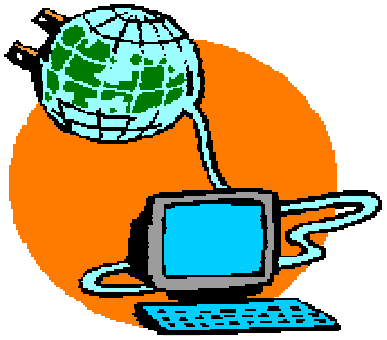
- Importância da estruturação dos blocos, enfatizando a dificuldade de se estabelecer o tamanho desses blocos;
- O risco de se agrupar diversos parágrafos num mesmo bloco de hipertexto é a perda do momento “exato” para se inserir uma conexão: no ambiente fragmentado dos hipertextos, quando se acessa um novo *link*, deve-se ser capaz de perceber imediatamente porque a conexão foi ali inserida e, se não ficar satisfeito com a “derivação”, poder retomar rápida e facilmente à idéia expressa pelo tópico original;
- Em se tratando, pois, da inserção de *links*, o primeiro passo consiste em se estruturar as **unidades básicas.** Cada bloco ao qual o usuário retorna após haver interrompido sua navegação deve ser capaz de manter sozinho o seu significado, mesmo que ofereça múltiplas saídas para outros textos complementares;
- Permitir ao usuário a liberdade de sair de “onde ele estiver”, de decidir o momento de finalizar a própria navegação e, ao mesmo tempo, de perceber que sempre haverá mais a explorar;
- A unidade básica dos ambientes hipertextuais costuma ser uma **tela** ou *frame,* dentro da qual poderão ser inseridas “janelas” com diferentes elementos (verbais e não verbais). O tamanho relativamente pequeno da tela, bem como a limitação das opções de movimento dentro e fora dela fazem do ambiente virtual uma opção **pior** para a leitura, em relação ao texto impresso.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para efeito de ilustração comparativa da análise efetuada neste trabalho, apresento mais abaixo a versão do texto original impresso (lexia 1) e uma "transdução" figurativa para o Word da versão hipertextual produzida na plataforma Wiki.

Após a assimilação dos recursos básicos do *WikiSite* (www.alveslima-edu.wikidot.com) utilizado neste trabalho, procedi ao primeiro passo do processo de retextualização, ou seja, a divisão do texto impresso em **lexias**[5]. Em princípio, decidi-me a considerar cada um dos seis Subitens do texto impresso como uma lexia. Posteriormente, alterei a fragmentação tópica para as sete lexias abaixo, configuração essa que passou a constituir a raiz do hipertexto, de acordo com a minha concepção de "proposta de leitura" para o navegador:

A Sociedade do Conhecimento e o Hipertexto



A NOVA ERA DO CONHECIMENTO

A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

A LINGUAGEM NO MEIO DIGITAL

A LEITURA NOS OCEANOS DA INTERNET

RUMO A UMA NOVA TEXTUALIDADE

GÊNEROS HIPERTEXTUAIS DA WEB

DO TEXTO IMPRESSO AO HIPERTEXTO DIGITAL

Como se verifica, foi a partir da proposta de estrutura da PÁGINA INICIAL que comecei o processo de retextualização propriamente dito, o qual será analisado a seguir, sob a forma de amostragem. Para essa análise, selecionei a **lexia 1** (A Nova Era do Conhecimento), através da qual pretendo demonstrar os passos utilizados no referido processo, partindo do

[5] Uma lexia é um bloco de texto normalmente ligado a outros blocos por *links*, O termo foi cunhado pelo filósofo francês Roland Barthes no seu livro S/Z e expandiu-se largamente para o jargão digital. Quando uma lexia é construída de modo a cobrir concisamente um único tema, também pode ser epitetado de "tópico", particularmente popular no universo da comunicação técnica. (http://www.estudar.org/pessoa/fp98/03develop/desenvol.htm).

CONTRASTE entre o texto linear originalmente construído e o formato hipertextual digital resultante.

(Subitem do texto impresso)

A NOVA ERA DO CONHECIMENTO

Com o surgimento dos computadores e em especial da internet (sendo esta capaz de romper com a noção de tempo e espaço, conectando o mundo de ponta a ponta), houve uma grande mudança nas condições de produção e distribuição do conhecimento e também no tipo de comportamento comunicacional: "Na atual sociedade da informação, a internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo" (MARCUSCHI, 2005, p. 13). Portanto, podemos dizer que estamos diante de um mundo bastante diferente daquele das décadas que antecederam os anos 1990. Estamos diante de algo fantástico e imprevisto, onde entram em jogo e debate novas estratégias de produção, organização, armazenamento e distribuição do conhecimento.

Esse amplo espaço de comunicação e troca de conhecimento é o que Lévy (2000, p. 95), denomina de Ciberespaço que, segundo ele, é "o espaço de comunicação aberta pela interligação mundial de computadores e das memórias informáticas". Como coloca o autor, trata-se de uma nova "terra do saber" em que todo e qualquer ser humano pode usufruir das informações ali expostas ou contribuir de alguma maneira para o aumento das informações armazenadas. Esse novo espaço do conhecimento constitui, segundo o autor, "o principal canal de comunicação e o primeiro suporte de memória da humanidade" (2000, p. 96).

Nesse espaço de propagação do conhecimento surge uma nova forma de cultura, a Cibercultura que, conforme Lévy, "é o conjunto das técnicas (materiais e intelectuais), as práticas, as atitudes, as maneiras de pensar e os valores que se desenvolvem conjuntamente com o crescimento do ciberespaço" (2000, p. 17). Trata-se, pois, de uma cultura mais universalizada, diferente das outras culturas que a antecederam.

Para que possamos compreender melhor a cibercultura, faz-se necessária uma retrospectiva referente às mudanças ocorridas no percurso cultural da civilização. Assim, nas sociedades em que o saber era transmitido oralmente, tudo acontecia dentro do próprio contexto comunicacional. O conhecimento era praticamente guardado na memória dos falantes. "Era uma espécie de história encarnada nas pessoas: quando os mais velhos morriam, apagavam-se dados irrecuperáveis pelo grupo social" (RAMAL, 2000, não paginado). Já com o surgimento da escrita há uma libertação do contexto de comunicação.

Muito do que acontecia nas culturas dos povos puderam ser registrados por séculos e séculos chegando até os dias atuais. A partir de então, as pessoas envolvidas no processo de comunicação já não dividiam necessariamente o mesmo contexto e as informações já não ficavam mais limitadas ao meio oral, tornando-se possível conhecer outras culturas, outras realidades que se situavam a milhares de quilômetros de uma determinada região. Então, a escrita inaugurou um segundo passo na historia da humanidade.

Para Barreto (1998), a mudança da cultura escrita para a cultura eletrônica se constituiu numa transformação tão profunda para o indivíduo e para a sociedade quanto a passagem da cultura oral para a escrita em eras passadas. Neste contexto, Lévy (2000, p. 15), levanta a hipótese de que "a cibercultura exprime a ascensão de um novo universal", em que as pessoas e a sociedade terão novas oportunidades do desenvolvimento do saber e da inteligência. "O ciberespaço, dispositivo de comunicação interativo e comunitário, apresenta-se justamente como um dos instrumentos da inteligência coletiva" (ibid., p. 30), e vemos que o mundo caminha rumo a essa inteligência coletiva de que fala o autor, e essa inteligência se desenvolve por meio de comunidades que compartilham inúmeras informações em meio esse oceano de conhecimento que se constitui a rede mundial de computadores.

Essas novas comunidades são as chamadas comunidades virtuais, nas quais se estabelecem novas maneiras de relacionamento humano. Essas comunidades são constituídas por "grupos de pessoas que se comunicam, compartilham experiências e temas afins e se esforçam para atingir objetivos comuns" (LLERA, 2008, digitalizado). Trata-se de pessoas que interagem por meio de máquinas transmitindo e recebendo informações simultaneamente. Assim como as comunidades sociais tais como estamos acostumados, as comunidades virtuais também possuem elementos necessários para que possam vigorar suas tarefas e objetivos através de regras adequadas para manter um clima favorável.

Neste contexto, podemos dizer que a construção do conhecimento é uma prática social e não mais individual em que o conhecimento de cada ser situado em qualquer parte deste planeta é válido, uma vez que "o grupo torna possível que o conhecimento de cada participante estruture-se de maneira diferente na memória de longo prazo" (idem). Não há mais como não fazer parte desse novo tipo de comunidade do conhecimento, ficar de fora significa perder de acompanhar o desenvolvimento cada vez mais avançado da inteligência humana.

Juntamente com essa nova era do conhecimento surge uma nova estrutura social que constitui a sociedade da informação que forma uma estrutura reorganizada da sociedade, a qual se apoia em tecnologias comunicacionais para difundir num curto espaço de tempo um

turbilhão de informações via Internet, concretizando, dessa forma, uma mudança mundialmente significativa, resultando numa sociedade que se organiza baseada na informação.

Segundo Silva (2006, p. 26), "nesta nova configuração, o social se constitui a partir de comunidades, tribos, corporações, audiências segmentadas, conectadas em redes de afinidades". Trata-se de uma espécie de sociedade que exige muito mais dos meios comunicacionais por se caracterizar como uma sociedade cada vez mais ativa e "antenada" quanto à liberdade de escolha.

Nessa nova organização social em que a Internet já se consagrou como um extraordinário meio de comunicação, a produção e a disseminação do saber estão pautadas no dispositivo comunicacional todos-todos[6]*, onde todo emissor é um receptor e vice-versa, constituindo assim, a chamada sociedade em rede, pois conforme Lévy (2000, p. 113), "a cada minuto que passa, há novas pessoas que se ligam à internet, novos computadores que se interligam, novas informações são injectadas na rede", e tais acontecimentos transformaram e transformam a nossa vida em sociedade.*

(Lexia 1 do hipertexto digital)

A Nova Era do Conhecimento

Com o surgimento da internet (http://pt.wikipedia.org/wiki/Internet), houve uma grande mudança nas condições de produção e distribuição do conhecimento e também no tipo de comportamento comunicacional: *"Na atual sociedade da informação, a internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo"*[1]

[6] Conforme Lévy (2000, p. 107), "este tipo de dispositivo de comunicação pode servir para jogos, ambientes de aprendizagem ou de trabalho, pré-figurações urbanísticas, simulações de combate, etc. As realidades virtuais partilhadas, que podem pôr em comunicação milhares, mesmo milhões de pessoas, devem ser consideradas como dispositivos de comunicação todos-todos, típicos da cibercultura".

Novas estratégias de produção, organização, armazenamento e distribuição do conhecimento entram em jogo e em debate.

Esse é, segundo Lévy[2] o Ciberespaço, "o espaço de comunicação aberta pela interligação mundial de computadores e das memórias informáticas". Trata-se de uma nova "terra do saber", "o principal canal de comunicação e o primeiro suporte de memória da humanidade" (Lévy, 2000, p. 96). Todo e qualquer ser humano pode usufruir ou contribuir para o aumento das informações ali armazenadas.

Surge, assim, uma nova forma de cultura, a Cibercultura que, conforme Lévy, "é o conjunto das técnicas (materiais e intelectuais), as práticas, as atitudes, as maneiras de pensar e os valores que se desenvolvem conjuntamente com o crescimento do ciberespaço" (2000, p. 17). Trata-se, pois, de uma cultura mais universalizada, diferente das outras culturas que a antecederam.

Nesse contexto surgem as comunidades virtuais, nas quais se estabelecem novas maneiras de relacionamento humano.

Surge, aqui, uma nova estrutura social que constitui a sociedade da informação que forma uma estrutura reorganizada da sociedade, a qual se apóia em tecnologias comunicacionais para difundir num curto espaço de tempo um turbilhão de informações via Internet, concretizando, dessa forma, uma mudança mundialmente significativa, resultando numa sociedade que se organiza baseada na informação.

Voltar à página inicial

Footnotes

1. MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos (Orgs). Hipertexto e Gêneros Digitais. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 13.
2. LÉVY, Pierre. Cibercultura. Lisboa: Instituto Piaget, 2000, p. 95.

A construção da lexia 1 exigiu, ao todo, 44 versões realizadas, conforme a tabela abaixo:

Page history of changes – A Nova Era do Conhecimento

rev.		flags	actions	by	date	comments
44.		S	V S	LucieneBomfim	2 Jun 2009	
43.		S	V S R	LucieneBomfim	31 May 2009	
42.		S	V S R	LucieneBomfim	26 May 2009	
41.		S	V S R	alveslima	18 May 2009	
40.		S	V S R	alveslima	18 May 2009	
39.		S	V S R	alveslima	18 May 2009	
38.		S	V S R	LucieneBomfim	28 Apr 2009	
37.		S	V S R	LucieneBomfim	27 Apr 2009	
36.		S	V S R	LucieneBomfim	27 Apr 2009	
35.		S	V S R	LucieneBomfim	27 Apr 2009	
34.		S	V S R	LucieneBomfim	27 Apr 2009	
33.		S	V S R	LucieneBomfim	27 Apr 2009	
32.		S	V S R	LucieneBomfim	27 Apr 2009	
31.		S	V S R	LucieneBomfim	27 Apr 2009	
30.		S	V S R	LucieneBomfim	26 Apr 2009	
29.		S	V S R	LucieneBomfim	19 Apr 2009	
28.		S	V S R	LucieneBomfim	19 Apr 2009	
27.		S	V S R	LucieneBomfim	19 Apr 2009	

26.	○ ○	S	V S R	LucieneBomfim	19 Apr 2009	
25.	○ ○	S	V S R	LucieneBomfim	19 Apr 2009	
24.	○ ◉	S	V S R	LucieneBomfim	19 Apr 2009	
23.	◉ ○	S	V S R	LucieneBomfim	19 Apr 2009	
22.	○ ○	S	V S R	LucieneBomfim	19 Apr 2009	
21.	○ ○	S	V S R	LucieneBomfim	16 Apr 2009	
20.	○ ○	S	V S R	alveslima	16 Apr 2009	
19.	○ ○	S	V S R	alveslima	16 Apr 2009	
18.	○ ○	S	V S R	alveslima	16 Apr 2009	
17.	○ ○	S	V S R	alveslima	16 Apr 2009	
16.	○ ○	S	V S R	alveslima	16 Apr 2009	
15.	○ ○	S	V S R	alveslima	16 Apr 2009	
14.	○ ○	S	V S R	alveslima	16 Apr 2009	
13.	○ ○	S	V S R	alveslima	16 Apr 2009	
12.	○ ○	S	V S R	alveslima	16 Apr 2009	
11.	○ ○	S	V S R	alveslima	16 Apr 2009	
10.	○ ○	S	V S R	alveslima	16 Apr 2009	
9.	○ ○	S	V S R	alveslima	16 Apr 2009	
8.	○ ○	S	V S R	alveslima	16 Apr 2009	
7.	○ ○	S	V S R	alveslima	16 Apr 2009	
6.	○ ○	S	V S R	LucieneBomfim	16 Apr 2009	
5.	○ ○	S	V S R	LucieneBomfim	28 Mar 2009	

4.		S	V S R	LucieneBomfim	26 Mar 2009	
3.			V S	LucieneBomfim	22 Mar 2009	
2.			V S	LucieneBomfim	22 Mar 2009	
1.		S	V S R	LucieneBomfim	22 Mar 2009	
0.		N	V S R	LucieneBomfim	4 Mar 2009	

É importante salientar que a quantidade de versões resultantes da construção de cada lexia provavelmente se deve à minha inexperiência nesta modalidade textual. Nas quatro primeiras versões da lexia, adicionei uma figura e fiz algumas tentativas de construir *links*, no intuito de facilitar os "saltos" de uma lexia à outra.

Posteriormente, da versão 5 à versão 11, comecei a procurar dentro da lexia em questão as palavras mais significativas e passíveis de dúvidas por parte do leitor e que, a meu ver, mereciam ser melhor explicadas numa ligação interna do texto. Para tanto, tornei-as também em *links*, na intenção de propiciar ao leitor a oportunidade de uma leitura complementar.

Da versão 12 à versão 14, inseri mais figuras para tornar o texto mais agradável e tentar expressar, por meio delas, a mensagem pretendida, "economizando" palavras e trocando-as por outra mídia. Nessas versões, também busquei complementar as informações necessárias aos *links* criados.

A partir da versão 15 até a versão 18, o texto (que estava corrido) começou a ser dividido em parágrafos e recebeu alguns espaços em branco, como bem o colocou Kilian (2002), quando menciona que os parágrafos devem ser curtos e com muitos espaços em branco, ou seja, na construção hipertextual não podemos abusar do número de palavras numa informação. O ideal é que seja dito apenas o necessário para não corrermos o risco de tornar a leitura do texto virtual mais cansativa que a do texto convencional.

Da versão 18 à versão 21, percebi a necessidade de enxugamento do texto, pois, até então, o mesmo estava bastante extenso. Comecei a "cortar" o que não fazia falta e algumas partes foram enviadas para outras janelas por meio dos *links* inseridos na tentativa de expor a menor informação possível e oferecer a oportunidade de uma leitura mais aprofundada, caso fosse esse o desejo do leitor. Da versão 22 até a versão 24, além de continuar a "cortar" o que era irrelevante, decidi organizar as informações dentro de uma borda para facilitar a leitura. Inseri

também um *link* externo para possibilitar ao leitor a oportunidade de realizar uma leitura diretamente na Web (http://pt.wikipedia.org/wiki/Internet).

Continuei o enxugamento do texto da versão 25 a 40 e realizei algumas correções quanto à sua estética, trocando figuras que ficaram desproporcionais ao tamanho da lexia por outras que se encaixavam melhor. A partir da versão 40 até a 44, inseri as notas de rodapé para disponibilizar a bibliografia utilizada na construção do texto-base.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que fica desse experimento, por enquanto, é a certeza de que construir um hipertexto demanda a utilização de estratégias bastante diferenciadas daquelas usadas na construção de um texto linear, visto que, na construção hipertextual, o autor precisa fazer toda uma preparação anterior à escrita propriamente dita. A divisão do texto em lexias, por exemplo, constitui uma das estratégias fundamentais para a construção do hipertexto.

Aqui, vale dizer que o conceito de lexia é muito complexo, uma vez que o termo não se encontra dicionarizado; mas, como pude perceber, trata-se de um bloco de texto bastante conciso e elaborado de tal forma que possibilite tanto uma leitura rápida, como também ligações para uma leitura mais aprofundada.

Além disso, percebi que uma pessoa capaz de produzir facilmente um texto linear terá de atentar para outras questões que se constituem em peças-chave na construção do texto virtual. Assim, para que esse experimento pudesse ser realizado, tive que compreender as características marcantes do texto digital, com a finalidade de construí-lo. A junção de outras mídias num único texto digital realmente se constitui numa grande diferença entre este e o texto tradicional impresso.

É importante salientar que a construção hipertextual é um trabalho bastante árduo, dificultoso, cansativo, pois foram necessárias muitas idas e vindas para que eu conseguisse chegar ao que poderíamos considerar apenas como o começo ou um “ensaio” do que seria um verdadeiro hipertexto. Aliás, quando iniciei o processo de análise seguindo algumas propostas de De Paula & Ricarte, McAdams, Kilian etc. é que percebi que o resultado alcançado apresentou poucas características hipertextuais, apesar de que, para construí-lo foram necessários muita paciência, dedicação e trabalho.

Por fim, acredito que a escola precisa se atentar para as questões do texto digital, para tudo aquilo que está envolvido em seu processo tanto de escritura como de leitura, uma vez que, essa modalidade textual já faz parte da nossa vida cotidiana.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Pesquisa, pela oportunidade e pela bolsa concedida.

À Universidade Estadual de Mato Grosso Sul, pela oportunidade concedida.

À Orientadora, Prof.ª Dr.ª Maria Conceição Alves de Lima, pelo auxílio e orientações prestados.

REFERÊNCIAS

DE PAULA, Antônio Robson; RICARTE, Ivan L. M. **Conversão de texto para hipertexto:** um processo para retextualização digital [digitalizado em formato pdf].

KILIAN, C. **Como tornar um texto eficaz para a Web.** Disponível em de <http://www.hainet.com.br/kilian/ver.php?id=6>. Acesso em: 10 mar 2004.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

McADAMS, M. ***Hypertext breakdown:*** *an overview*. Disponível em: <http://www.prossiga.br/edistancia/>. Acesso em: 12 maio 2004

NIELSEN, J. ***How users read on the Web***. 1997. Disponível em: **<**http://www.useit.com/alertbox/9710a.html>. Acesso em: 12 maio 2004.

RAMAL, A. C. Ler e escrever na cultura digital. In: **Revista Pátio**, ano 4, nº. 14, Porto Alegre: agosto-outubro 2000, p. 21-24. Disponível em: <http://www.instructionaldesign.com.br/ artigos>. Acesso em: 30 maio/2008.

SCHRIVER, Karen. ***The InfoDesign interview.*** By Peter J. Bogaards (September 2005). Disponível em: http://www.informationdesign.org/special/schriver_interview.php Acesso em 24 abr 2009.